

CONFIDENCIAS D'UM JUIZ...

Os Crimes da Formiga Branca

COMPLOT
DA
PRAIA DAS MAÇÃS

1.^a edição

PREÇO 50 RÉIS



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

34

1

Impresso nas Oficinas Graphicas

Rua do Poço dos Negros, 81 - LISBOA

Editor: Victor Alcantara

3919



BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OPERTA - 31 JAN. 2001

3914

OS CRIMES

DA

FORMIGA BRANCA

Confidencias veridicas e sensacionaes
d'um Juiz de Investigaçãõ



IM509554

Publicação semanal em
folhetos de 16 paginas.

1915
OFICINAS GRAFICAS
Rua do Poço dos Negros. 8r. 1.º
LISBOA

343.34
CRI

WASHINGTON, D.C. 20540
U.S. AIR FORCE

ANNALS OF THE AIR FORCE

VOLUME 10 NUMBER 1

1967

— Como assim? — interroguei eu, d'esta vez impressionado deveras.

— E' como lhe digo e se o pobre diabo que levou as cacetadas logo ao cahir da noite, não está morto poucos dias lhe restam de vida.

— Mas quem foi o desgraçado? — perguntei.

— Um pobre velho chamado Olgario Borges de Medeiros e que é coronel de reserva.

O pobre diabo ia na companhia do prior de Belem, o padre Nogueira, que é, segundo dizem os formigas, um grande thalassa, quando ali no largo das Duas Igrejas, quasi em frente do Leitão ourives, a troupe lhes cahiu em cima á bengalada.

O prior ainda pode fugir, mas o coronel foi espancado de tal maneira que teve de seguir n'um automovel para casa n'um estado lastimoso. Agora, se V. Ex.^a me permite, retiro-me.

Tão impressionado fiquei com esta ultima noticia que despedi o Rapoza sem proferir uma palavra.

Conhecia o pobre velho que era uma excelente pessoa e a quem costumava encontrar na Havaneza.

Vinte dias depois, fui-o acompanhar ao Alto de S. João á derradeira morada. O pobre succumbira a uma comoção cerebral produzida pelas pancadas que recebera na cabeça.

E eram taes facinoras — pensava eu — aqueles que, em nome da Republica, simulando a sua defeza, arrastavam centenas de creaturas, na maioria inconscientes, para o crime. Uma duzia de bandoleiros, excitados pelas suas ambições desmedidas e comandados por um chefe sem ideal nem generosidade nem talento, sob as ordens do qual mais tarde seriam os iniciadores conscientes, dos espancamentos da Estrela, das Trinas, dos presos politicos, dos pseudo crimino-

sos da Praia das Maças e de todas as infâmias trama-
das no interior do Governo Civil, sob a inspiração do
famoso Daniel Rodrigues, do irmão, do José França
Borges, do Raimundo Alves, do Ribeira Brava, do De-
rouet e mais magnates da *formiga*, que por seu turno
obedeciam a esse invisível chefe que tudo mandava.

Eram pois estes os únicos responsáveis de tantos
crimes e infâmias que derruíam pouco a pouco essa
Republica feita pelo esforço d'uma dúzia de sinceros
e graças á cobardia, traição e vileza dos monarchicos
de D. Manoel cuja côrte se tornara o coito de todos
os parasitas e nobres de fresca data e d'onde, a ver-
dadeira nobreza de ha muito se retirara, enojada e
sem crença.

O mesmo começava agora a succeder com o novo
regimen do qual os filbusteiros da intriga, haviam
pouco a pouco afastado os sinceros, os crentes e os
injenuos. *O Caso do Arsenal*, esboço d'uma primeira
revolta dos elementos avançados contra o despotismo
nascente d'uma republica burgueza, seria o precursor
de muitas outras. Não eram apenas os monarchicos,
que alem da fronteira, ameaçavam a republica, mas
muitos d'aqueles que para ela haviam contribuido e
que bem depressa se viam desiludidos do seu sonho
ardente de liberdade.

Bem fizera eu pois, embora ardente partidario da
revolução em despir a minha toga de juiz para a não
manchar, obedecendo ás imposições d'um bando de
ambiciosos que acabariam por perder não só a repu-
blica como a propria nacionalidade.



*O formiga Alberto Correia
que denunciou o complot*

O COMPLIT DA Praia das Maçãs

Eram onze horas da noite quando o Raposa veio parar junto da pequena porta da rua Paiva Andrade que dá ingresso ao Governo Civil.

Aos olhos porem mais prespicazes ele passaria por toda a gente menos pelo louro e esgrouviado agente do Juiz X o intimo do chefe Tava.

De louro tranformara-se em moreno e a luz do bico de gaz proximo, punha-lhe uma larga mancha de luz na sedosa barba em bico e no colete alvissimo que lhe apertava um ventre quasi voluminoso.

Bateu tres ligeiras pancadas na porta a qual logo se abriu como por encanto.

No escuro, uma voz murmurou baixo:
— Segue-me que os gajos já lá estão.

Era o Tava que subiu adiante do amigo por uma escada de serviço que conduzia ao primeiro andar do edificio.

Pararam junto d'uma porta de vidraça iluminada pelo lado oposto.

— Estão todos ali, n'aquelle gabinete, tramando a fita e eu vou levar-te para donde poderás ouvir tudo — advertiu o Tava — aproximaram-se d'um recanto e o Tava, tirando d'um alisar d'uma porta uma pequenina rolha, continuou, indicando-lhe um ligeiro orificio que ficara a descoberto e por donde se filtrava uma nesga de luz — espreita e ouve.

O Raposa colou o seu olhar penetrante ao pequenino buraco e sorriu.

— Está toda a alta — disse baixinho para o Tava.

— Vieram todos de casa do Afonso; — advertiu o Tava — e como o continuo me disse esta manhã que o Governador lhe dissera, viria esta noite cá baixo, logo calculei que haveria reunião magna e por isso te preveni. Ouve-os e gosa-os que eu cá vou-me embora. Aqui tens a chave da porta e até logo.

— E se os gajos dessem comigo por acaso — rousou o Raposa.

— Nada mais simples. E's tu ou não o Martins do grupo do Godinho? — interrogou o Tava.

— N'esta péle claro que sou.

— Então dirias simplesmente que um dos teus te previra para vires cá baixo receberes ordens; nada mais natural como vês.

O Tava afastou-se então definitivamente, enquanto o Raposa com o olho luzente e o ouvido á escuta, podia aperceber-se de quasi tudo quanto se passava no aposento contiguo, onde sentados em torno d'uma meza, o Governador, o irmão, o Raymundo Alves e o

José França, discutiam animadamente o assumpto que n'esse momento os preocupava.

O chefe dissera-lhes em casa n'essa tarde, e eles bem o sabiam, que a situação ministerial não era das mais favoraveis.

As oposições, opoz haverem miseravelmente transigido com eles aprovando-lhes as leis de excepção, propostas nas camaras, do que resultara a remessa dos presos de 27 d'Abril, da cadeia do Limoeiro para a fortaleza d'Angra.

Essa partida porem, realisada por meio d'uma cilada covarde, ás 4 da manhã, quando a cidade dormia e quando a maioria da população julgava apenas tratar-se do envio dos vagabundos embarcados na vespera e desembarcados á hora silenciosa em que os presos politicos bruscamente despertos do somno os iam substituir a bordo do S. Thomé, revoltara a opinião publica e todos agora protestavam contra o despotismo nascente com que o Ligorio procurava acaparar não só os poderes como até as consciencias.

Ele sentia pois em torno o começo d'uma revolução surda que continuara sempre crescendo apesar das medidas represivas com que ele procurava espalhar o terror. A imprensa apesar de amordaçada, de reprimida por vezes, de multada e perseguida, continuava comtudo a sua campanha contra o Ligorio e a sua formiga, ao passo que as conferencias e os meetings se succediam apesar de terminarem quasi sempre a murro e a tiro.

Nas prisões abarrotadas de presos politicos, conspirava-se, nos quartéis conspirava-se, nos estabelecimentos e nos cafés trocavam-se *rendez-vous*, confidencias, palavras de reconhecimento.

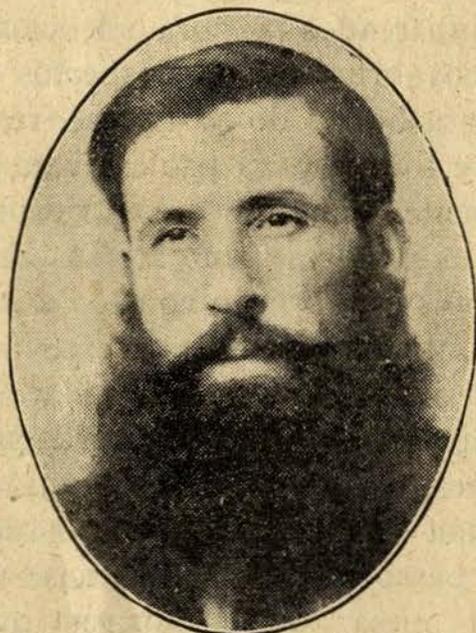
Lisboa estava pois sob um vulcão. O governo sa-

bia-o e temeu de um fracasso, necessitava d'um truc capaz de valorisar o seu idolo, de lhe desculpar novas prisões e de assim distrahir a opinião publica da edéa dominante que tão funesta lhe poderia sêr.

Postos ao facto, por um dos seus espiões, os membros do Governo, de que uma revolução composta de elementos importantes estalaria por esses dois dias proximos, logo eles pensaram em aproveitar-se d'ela em beneficio proprio.

*
* *
*

O Alberto Correia — o espião e denunciante que lhes trouxera a novidade — ajuntara que um grupo de



A victima Gayão

individuos deveria partir na tarde da vespera da madrugada fixada para a revolução com destino á praia das Maçãs, onde n'esse momento veraneava o Ligorio — afim de o liquidarem ou prenderem não o sabia ao

certo. Conhecia os homens a quem se fizera propositadamente apresentar por um cabo negro de engenharia, por um sargento chamado Carrucho e por um tal Osorio Calceteiro.

Fora assim que, ganhando a confiança dos chefes d'alguns grupos, que soubera da revolução que se preparava para Setembro se oferecera para os ajudar no levantamento das linhas ferreas e corte de fios telegraficos, o que elles injenuamente aceitaram.

Tudo isto expunha aos socios o José França, que fora quem lhes trouxera o Alberto Correia. Eram esses pois os factos verdadeiros. Na tarde do dia seguinte seguiria para a praia das Maças o tal grupo de que fazia parte o Correia que ele trouxera comsigo propositadamente afim de o porem ao facto da missão de que ele se deveria desempenhar.

— Mas nada ha de mais simples — advertiu o Ramires. — O Correia segue com eles e insiste principalmente pela morte do ministro. Leva uma mala de mão com bombas e conduze-os á praia.

Duas horas antes porem, já terão partido d'aqui os automoveis com gente nossa armada que se irão postar nas imediações da casa do patrão.

Este, prevenido, espera serenamente em casa os assassinos que serão logo chacinados pelos nossos á porta. Grande vivorio, vocês trazem as filarmonicas de Colares e d'Alcabideche, e ahi temos a opinião publica desviada, pelo menos por alguns dias, do problema politico e o nosso Afonso guindado ao segundo altar do marterologio.

— Tudo isso é muito bonito mas eu não vou assim n'essa fita — advertiu o Alberto Correia que atentamente escutara a eloquente tirada do dr. Daniel.

— E porquê? interrogou o governador.

— Pela simples razão de que se eles não são mortos, os tipos assassinam-me depois por traidor. Nada... eu preciso sêr também preso para ninguém desconfiar de mim.

— Tens razão !... tens razão !... Escuta porem. Tu vaes com os homens para Cintra e procuras leval-os até junto do chalet, ou para arremeçarem as bombas ou para se |enbuscarem afim de no momento propicio entrarem na casa e prenderem o patrão. Não é esse o plano? — interrogou o França.

— Nem mais...

— Pois bem, n'esse momento aparecem os nossos que liquidam os tipos, e a ti agarram-te e trazem-te preso para onde eu cá e o dr. Ramires encontraremos o meio de te fazer passar a fronteira imediatamente caso as circumstancias o exijam. Convem-te assim? — terminou por explicar o orador.

— Pois fica assim combinado e eu amanhã lá seguirei com os homens para Cintra. Querem mais alguma cousa de mim!

— Não, pódés retirar-te e aqui tens dinheiro para as despesas — respondeu-lhe o governador entregando-lhe uma nota de 50 escudos. — Muita prudencia e á volta receberás a queijada, adeus.

O Alberto retirou-se e os outros levantaram-se dispondo-se a sahirem. Foi então que o Rapoza, que já sabia o principal, se esgueirou mansamente pela pequena escada, abriu cautelosamente a porta, que momento antes lhe abrira o Tava, e depois de um exame rapido ao largo deserto a essa hora, sahiu para a rua d'um salto, tomando apressadamente pelo largo de S. Carlos em direção ás escadas, assobiando, por entre os dentes o fado do Roldão o que n'ele era indicio d'um estado intimo de plena satisfação.

*

*

*

A' chegada a Cintra do comboio das 17 horas, descobriu finalmente o Rapoza por entre os passageiros, um grupo de individuos, que já fóra da estação, rodeavam o Alberto Correia.

Graças ao seu expediente de estar observando quem



João Duarte

chegava, havia duas horas, conseguiu finalmente o seu desideratum de conhecer essas caras, que caminhavam cegamente para a morte levados pela traição, e que ele pretendia avisar para assim evitar mais alguns cobardes assassinatos.

Retirou-se para junto da taberna que faz face á estação e com o seu ar mais despreocupado nunca mais perdeu de vista o formiga Correia e os seus compa-

nheiros, uns cinco aproximadamente. O Alberto que entrára em Campolide e só agora se reunia ás victimas que friamente ia imolar, mostrava-lhes agora uma pequena mala de mão, na qual o Rapoza logo advinhou sêr ela a indicada pelo dr. Daniel e cujo conteudo se compunha de duas bombas e d'um punhal.

Apoz um curtissimo dialogo, viu-os o Rapozo tomar o electrico da Praia no qual ele penetrou egualmente, esperando occasião propicia para comunicar com os homens sem que o Correia se apercebesse.

Ao chegarem porem a Colares, todos eles se apearam e o amigo Rapozo fez como os demais pondo-se a examinar a estrada orlada d'um pequeno pinheiral e a essas horas iluminado por um sol poente que lhe punha os troncos em brasa.

Só então notou a ausencia do Alberto Correia, o qual, naturalmente seguira no electrico em direção á praia a preparar o laço para os incautos companheiros.

N'isto separaram-se em dois grupos, seguindo 3 individuos para os lados de Colares e encaminhando-se os outros dois para os lados do pinhal.

Torceu as guias do bigode — que já haviam retomado a sua côr natural de estôpa — tirou o chapéu, arranhou brutalmente a cabeça e partiu de repente em direcção aos dois que se haviam dirigido pelo Pinhal caminho da praia.

Como eles já lhe levavam uma certa dianteira, viu-se forçado a correr e quando os alcançou vinha alagado em suor.

— Esperem um minuto ! esperem lá ! gritou-lhes ele já rouco.

Os dois homens espantados voltaram-se rapidamente para traz estacando admirados em vista dos gestos

loucos que o Raposa lhes fazia. Apenas chegou junto d'elles bradou-lhes — indicando-lhes os faroes de dois automoveis que velozmente avançavam na mesma direcção:

— Os automoveis!... os automoveis! escondam-nos já, já, e em seguida a estas palavras logo se acachapou ao toro d'um pinheiro, gesto que os dois desconhecidos involuntariamente seguiram cada vez mais perplexos.

— Já lhes explico — tenham paciencia — disse-lhes ainda o Raposa em voz sibilante, pois os automoveis que eles poderam perfeitamente examinar apesar da velocidade, vendo-os atulhados de individuos, passavam defronte d'elles n'esse momento projectando um fóco de luz intensa pela estrada que á sua passagem se cobria d'uma nuvem intensa de poeira.

— A formiga! a formiga! — disse o Raposa para os dois, indicando-lhes o horisonte — comprehendem-me agora.

— Mas quem é você e como se encontra aqui?

— Um amigo que desde hontem á noite só pensa na maneira de os salvar e que luctava com a maior das difficuldades — não os conhecer — retorquiulhes o Raposa sorridente.

— Com que? ia-o advertir um dos dos desconhecidos — mas o Raposa logo lhe cortou a fraze.

— Nem mais uma palavra. Não sei os seus nomes nem os quero saber o que lhes digo, apenas é que a revolução fracassou pela traição d'alguns dos vossos e pela prisão d'um tenente coronel. Alberto Correia e os dois sargentos que o apresentaram, são formigas a soldo da canalha democratica do Mundo e foram eles quem tudo denunciaram. Os automoveis que os senhores acabam de vêr passar, partiram esta tarde do Go-

verno Civil de Lisboa, com sicarios d'elles para os assassina-rem logo que vocês se abeirassem da vila do Affonso Costa, o qual desde ha dias está a par da fita, sendo ele proprio quem d'ela se quiz aproveitar para armar em martir e homem celebre.— Agora toca a raspar para Lisboa, mas evitem os logares frequentados. Eu cá fico, pois tenho curiosidade de seguir a comedia até ao fim visto já não poder ser tragedia. Concluiu por dizer o Raposo, tomando alento e rindo alto, alegremente.

— Mas o que o senhor talvez não saiba — advertiu o mais alto dos individuos — é que o Alberto Correia, era quem nos aconselhava a morte do Affonso, dizendo que o prendel-o era simplesmente um disparate.

— Sei sim, e ainda mais, pois tenho conhecimento de duas laranjinhas e d'um punhal que ou gajo levava na mala de mão e mostrou aos amigos em frente da estação.

— Pois eu não conheço o senhor, valha a verdade, — retorquiu um dos interlocutores do Raposo — mas o que eu lhe garanto é que você é um camarada ás direitas a quem eu e o meu companheiro desejamos abraçar. Não é assim meu velho?

— O meu nome é Granjo e sou, confesso, revolucionario e inimigo figadal d'esse tonante — d'esse f... a quem a estupidez da canalha fez seu idolo.

Fica tendo um amigo — acredite — concluiu ele abraçando o Raposa com força o qual foi sacudido uma segunda vez pelo amigo do Granjo que lhe fez igual profissão de fé declarando chamar-se Gaião.

Como um septil porem o Raposa desaparecera logo apoz os amplexos, atravez do Pinhal em direeção á Praia, seguido pelo olhar maravilhado dos seus dois novos amigos, os quaes encolhendo os hombros e sem

trocarem sequer uma palavra, se dirigiram a caminho de Cintra.

Imagine se do espanto dos dois quando chegando junto da estação depararam com o Correia. A primeira ideia d'elles foi desfecharem contra ele as pistolas que traziam consigo, mas o Gaião calculou bem que isso os iria mais que tudo desmascarar e que pelo contrario deveriam continuar a acceital-o como um sincero.

O Correia apenas os viu correu logo ao seu encontro. Seriam quasi as 21 horas e o comboio não tardaria a partir para Lisboa.

— O comboio ainda demora uns minutos e eu tenho uma certa larica. Querem vocês ajudar-me a petiscar? — disse-lhes o Alberto sorridente. E caso vocês não tenham maça eu tenho aqui algum arame — terminou ele por dizer, fazendo tilintar com as pontas dos dedos uns pares de corôas que trazia no bolso do colete.

N'esse momento chegava-se ao Gaião um desconhecido que lhe perguntava se conhecia um tal individuo cujo nome ele jamais ouvira pronunciar; e como este lhe respondeu laconicamente: — que não conhecia tal individuo — logo ele se retirou para os lados da venda.

N'esse momento, o Correia declarou ir ali ao tasco fronteiro perguntar o que tinham para comer, voltando minutos depois praguejando contra uma taberna onde nada havia para comer.

Este dialogo passava-se a meio da estrada, estando o Gaião de costas para a taberna, de forma que não poudes ver que d'ali seguiam logo apoz o Correia cinco individuos, que n'um segundo se precipitaram sobre ele agarrando-o pelas costas. Ele bastante ro-

busto ainda conseguiu por instantes libertar-se d'elles e puchar pela pistola, mas na atrapalhação deixara-a na segurança, puchando debalde pelo gatilho que naturalmente não cedia á pressão do seu dêdo.

Breve foi dominado e ligado brutalmente com cordas.

Egual sorte tivera o companheiro que ficara na estação esperando, o qual igualmente se vira subitamente rodeado por individuos desconhecidos, os quaes n'um abrir e fechar d'olhos o desarmavam e o ligavam pés e mãos como ao Gaião.

Quasi a seguir apareciam como por encanto dois automoveis, n'um dos quaes vinha o administrador do conselho, Lucio d'Azevedo, os quaes estacaram em frente da estação.

Sem perda de tempo foram levados, o Gaião e o Granjo amarrados brutalmente, para um deles que partiu velozmente em direcção a S. Pedro. Dentro 4 individuos de má catadura de pistolas em punho guardavam os prezos. O outro, que conduzia o administrador e mais cinco sujeitos, seguia-o de perto. Sahindo de S. Pedro tomaram os automoveis a direcção de Cascaes e quando atingiam o arco do Ramalhão tiveram de parar pois uma barreira de populares barrava a estrada de valeta a valeta, a meio da qual se via á luz dos archotes uma cruz branca, tendo uma caveira pintada na intercessão dos braços, encimada pela seguinte legenda: *Os filhos da Caveira*. Toda essa multidão, mais de 50 individuos, armados de foices-roçadoiras, espingardas e punhais avançaram então perguntando um deles em voz retumbante:

— Quem são e d'onde veem?

(*Continúa*).



AVISO

No proximo numero: continuação do complot da Praia das Maças e começo do **celebre caso do CEMITERIO D'AJUDA.**

Aos nossos leitores

Se houve demora na publicação do 4.º folheto desta obra foi apenas devido ao inexplicavel terror que a celebre formiga, mesmo depois de morta, inspira ás varias typographias d'esta capital!!!...



A seguir publicaremos a morte do major Correia, os casos do general Jayme de Castro, Motta Capitão d'Evora, do assalto e roubo ao Club da Praça dos Restauradores, do assassinato do guarda da esquadra de S. Sebastião da Pedreira, incendio no Centro Catolico do Porto, gatunos disfarçados em sargentos do exercito, condução e espancamento de homens de bem, etc., etc.



80216028